

Educação e religiosidade: As práticas educativas nas irmandades leigas mineiras do século XVIII nos olhares de Debret e Rugendas.

Paola Andrezza Bessa Cunha¹ - PPG-UFMG
Thaís Nivia de Lima e Fonseca** - UFMG

As Irmandades Leigas e Ordens Terceiras são notadamente reconhecidas na América Portuguesa e, principalmente, em Minas Gerais enquanto espaços de associação entre indivíduos para auxílio mútuo e para a organização da vida religiosa e de sua prática na vida cotidiana. Porém seu caráter educacional ainda é obscuro. Em que medida as Irmandades podem ser consideradas um espaço de educação não-escolar? Como se davam essas práticas educativas? Qual seu significado, sua relevância e seus reflexos no cotidiano daquela sociedade? Por prática educativa entende-se toda relação em que há transmissão de conhecimento de qualquer espécie, seja de caráter moral, religioso, técnico ou até mesmo escolar (aqui entendidos como os procedimentos da aprendizagem do “ler, escrever e contar”). No caso, nosso foco de pesquisa se coloca fora do âmbito da escola, buscando essa relação ensino aprendizagem em outro ambiente, tão socializador e propenso ao saber quanto essa instituição. Deve-se deixar claro que este conceito, de prática educativas, ainda está em construção no âmbito da pesquisa em andamento.

Serão utilizados como referenciais os trabalhos de Roger Chartier sobre representações e práticas culturais e Serge Gruzinski sobre mediadores culturais. Roger Chartier propõe uma forma de trabalhar a história, que visa identificar como uma determinada realidade social é construída, pensada, apresentada e apropriada. Para tal são analisadas as representações, as formas simbólicas que compõem a orbe, lugar e tempo; as práticas, que têm por objetivo o reconhecimento de identidades e a legitimação de processos e procedimentos; e as apropriações dessas representações e práticas para a formação do universo cultural e social de determinados indivíduos ou grupos¹. As práticas educativas das irmandades que se analisar são reconhecidas no âmbito social, legitimadas

¹ Mestranda em Educação da Faculdade de Educação – UFMG. Integrante do Grupo de Pesquisa e Estudos em História da Educação (Gephe/FaE/UFMG) – paolacunha@hotmail.com

pelo processo contínuo de repetição das mesmas, gerando o reconhecimento de identidade social do grupo.

Serge Gruzinski dialoga com o trabalho de Chartier ao afirmar que “os fenômenos de mistura ou de rejeição que atualmente observamos (...) tampouco têm esse caráter de novidade que costuma lhes ser atribuído”. Ao analisar as representações existentes nas pinturas e esculturas mexicanas coloniais, esse autor observou a mescla entre elementos europeus e nativos, culturas que se mestiçaram, gerando muitas vezes elementos híbridos que, com o alargamento de horizontes, tornam-se elementos mestiços. A palavra-chave para compreensão de seu pensamento é permeabilidade, ou seja, a sociedade e os indivíduos são permeáveis a influências, a novas visões, gerando a multiplicidade. Os viajantes podem ser considerados, em certa medida, mediadores, equilibrando elementos da sua própria cultura com os das culturas aqui encontradas e também transmitindo características suas que eram apropriadas pelos habitantes daqui.

Por cultura estamos entendendo um conjunto de significados, de hábitos, atitudes e valores incorporados e partilhados por um determinado grupo, representada nas manifestações e nas formas simbólicas em que são expressos ou encarnadosⁱⁱ. Os objetos culturais utilizados para a representação, tanto de um segmento social como de outro, podem ser apropriados pelo conjunto da sociedade, isto é, por todos, dependendo do interesse do grupo ao qual servem. Há uma interação cultural, isto é, trocas culturais frequentes nas manifestações onde as camadas populares e as elites estão em ações conjuntas. Os símbolos, ao serem utilizados pelos agentes, facilitam a comunicação num momento em que não há termos diretos para “trazer à baila” noções abstratas. Isso permite sua apropriação pelos mais variados grupos, das mais diversas formas, sem se prestarem a servir apenas um deles.

O culto aos santos é um aspecto cultural existente em todas as localidades de ocupação ibérica, variando a maneira e a quem se invoca. Essas variações ocorrem de

** Professora Adjunto de História da Educação - UFMG. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudos em História da Educação (Gephe/FaE/UFMG)

acordo com as atribuições “pessoais” de cada santo (alguns protegem contra raios, doenças, pragas, perdas materiais e emocionais, entre tantas outras habilidades...) e com sua importância para a associação religiosa (irmandade), grupo social ou indivíduo. As homenagens podem ser feitas através de novenas, festas, romarias, ladainhas e até mesmo dança. Irmandades são agremiações masculinas, femininas ou mistas em torno de uma devoção determinada; pessoas que abraçavam a causa religiosa sem deixar a vida mundana, sem votos de castidade ou clausura, mas passando por um noviciado no caso de Ordens Terceiras de franciscanos e carmelitas. Podiam ser separadas por critérios de classes sociais e raciais ou até mesmo por ofícios; a Irmandade do Santíssimo Sacramento era composta usualmente por brancos ricos, enquanto a de São José do Homens Pardos era formada por oficiais mecânicos, artífices, músicos e a de São Pedro dos Clérigos por padres. A separação que existia não era rígida, possibilitando assim um espaço de mobilidade social; uma mesma pessoa poderia participar de mais de uma irmandade em mais de uma vila. O catolicismo popular projeta a criação de uma ordem universal fundida à própria ordem social. As características existentes na cultura local ou regional são reafirmadas e legitimadas como naturais e sagradas, garantidas por Deus e pelos santos. A manifestação da religiosidade representa, portanto, a crença, o pensamento e a linguagem utilizados na expressão das relações sociais e culturais.



Primeiras ocupações da manhã –
Jean Baptiste Debret

A prancha “Primeiras ocupações da manhã” nos apresenta a porta de entrada de uma loja de balas. Nos interessa aqui a dupla que está colocada quase no centro e suas ações: uma negra velha beijando um relicário de um irmão e também o homem que se encontra em segundo plano segurando um guarda-chuva. A negra e o irmão repetem gestos que foram legitimados pela sua repetição e ainda o são em

nossos dias. Segundo o pintor, quando se trata do que ele chama de “classe indigente”, ou seja, negros livres e pobres que viviam de seu próprio trabalho, a disposição em fazer doações era a mesma do que ele chama “classes abastadas”. Reconhece-se prática votiva no beijo que a mulher dá na peça que o irmão traz, numa ação conhecida e reconhecida socialmente como prova de humildade, devoção e respeito ao santo. O homem com o guarda-chuva para o qual chamamos atenção é o que identificamos como “pedinte salariado”, cargo criado pelos irmãos “por devoção tanto quanto por amor próprio”. A remuneração desses homens era proporcional à coleta. Chama atenção o esforço feito tanto pela doadora quanto pelo irmão. A mulher se esforça, através da janela, para entregar-lhe a esmola, enquanto ele abre o guarda-chuva para recebê-la. A obrigação e a responsabilidade ficam latentes, e apresentam seu valor pedagógico. Vale lembrar ainda que em alguns casos as pessoas se tornavam esmoleres em agradecimento a uma graça recebida e para construírem templos votivos em nome da graça alcançada. É uma forma diferente de ex-voto da que estamos acostumados.

Viajantes estrangeiros freqüentaram o Brasil ao longo de sua história, sendo mais efetiva sua presença no século XIX. Eram em geral homens letrados, num sentido muito mais amplo do que se pode compreender parte significativa dos letrados da América Portuguesa. Muitos deles vinham em expedições científicas financiadas por institutos e academias científicas explorar o novo mundo, levando informações a seus compatriotas. Essas notícias eram relatos pormenorizados, com descrições amplas e minuciosas de diversos, muitas vezes acompanhadas de gravuras. Ao analisar deve-se ter em mente que a imagem retratada foi “filtrada” pela cultura do observador, sendo um retrato daquilo que ele compreendeu dos hábitos e costumes dos habitantes, não podendo ser levadas como representação do real. Para a análise foram selecionadas pranchas feitas por Debret e Rugendas, dois dos viajantes mais conhecidos e dos poucos que deixaram registros iconográficos de sua experiência na América. Apesar de terem visitado o Brasil no início do século XIXⁱⁱⁱ, seus trabalhos são relevantes para análise da América Portuguesa, pois muitos hábitos e costumes não se modificaram tão rapidamente neste período e, no caso da

religião, mudanças configuram-se ainda mais lentas. Todas as imagens escolhidas relacionam-se de alguma forma a aspectos da religiosidade vivida e /ou praticada pela população. Foram selecionados grupos sociais e étnicos variados, pois todos estavam integrados na vida religiosa de forma plena através das irmandades, fossem negros forros, escravos, brancos pobres, pardos ou brancos ricos^{iv}.



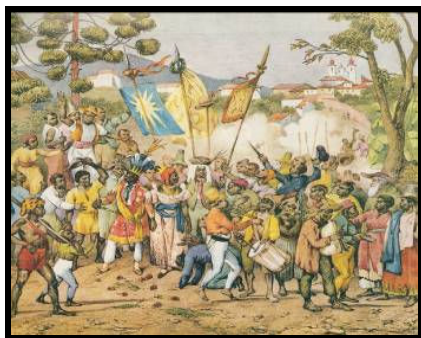
Coleta para manutenção da Igreja do Rosário – Jean Baptiste Debret

Um bom exemplo do estudo de práticas educativas na sociedade colonial é a imagem “*Coleta para manutenção da Igreja do Rosário por uma irmandade leiga*”, de Jean Baptiste Debret. Nela vemos a Mesa e os irmãos em fila colocam suas contribuições. A Mesa era composta por um grupo de irmãos, escolhidos por meio de uma eleição, e era esse grupo quem coordenava as ações das irmandades e tudo o mais que fosse respectivo a elas. Era composta geralmente por: Prior, Priora, Vice-Prior, Vice-Priora, Secretário, Procurador Geral, Tesoureiro, basicamente^v. Até esse momento uma cena trivial nos centros urbanos brasileiros da época, não fosse por um detalhe para nós significativo: uma mulher orienta uma menina para que ela coloque a esmola no prato na mesa da irmandade; e a mulher que vem logo atrás segue-lhe o gesto. Essa cena nos permite refletir sobre o conjunto de práticas educativas de caráter religioso e moral que faziam parte das atividades usuais das irmandades leigas, já que também se esperava delas a participação na formação moral da mocidade.

Foi fator decisivo para a elevação das irmandades como guardiãs das práticas religiosas o fato de que nas Minas Gerais foi proibida a instalação de ordens religiosas. Famílias que enriqueceram com as minas, acreditavam que mandar as filhas para um convento e fazê-las freiras era um sinal de status, dava-lhes prestígio social^{vi}. Usualmente mandava-se as jovens para o Reino, mas alguns conventos presentes no litoral do Brasil

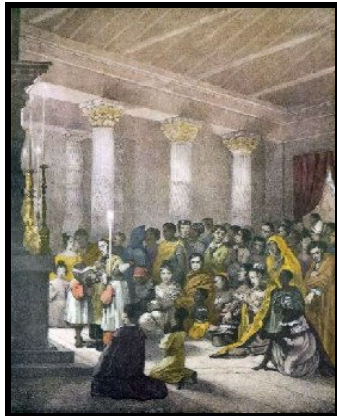
também poderiam servir a esse fim. É conhecida pelos historiadores a escassez de jovens brancas no mercado matrimonial, o envio das poucas que haviam para o convento fez com que a Coroa se preocupasse e proibisse a instalação dos mesmos, bem como toda jovem que manifestassem o desejo de professar-se deveria passar por uma avaliação para saber se essa era sua real vontade ou se era de outrem. As irmandades então passaram a aglutinar essas pessoas, sem a necessidade de profissão como a de religiosos de ofício, principalmente o celibato. A educação ou formação moral também perpassava pelas atribuições delas, além de proverem os irmãos em casos de necessidades, em caso de morte ou outro qualquer que fosse de sua competência/alçada. Isso era relevante principalmente para as camadas mais baixas da sociedade, que muitas vezes aprendiam um ofício através das irmandades, como a carpintaria, a escultura e a pintura.

As mulheres tinham papel fundamental na criação e na internalização da devoção e da responsabilidade para com ela, tendo papel de destaque neste quadro. A mulher, fosse ela a mãe branca ou a mãe-preta, era a responsável pela educação dos filhos, principalmente das filhas. Como a educação recebida pela mulher versava basicamente sobre religião (incluindo sobre como se comportar, portar e agir) e os cuidados com a casa, esse eram os principais aprendizados recebidos pelas crianças, sobretudo as meninas. Essas são as práticas educativas que buscamos na colônia. Não é apenas o “saber ler, escrever e contar”; a educação está nas práticas diárias, que podem incluir ou não essa relação ensino-aprendizagem de sentido escolar, e muitas vezes realizadas no interior de outras instituições. As Irmandades, por estarem tão intrinsecamente ligadas às vidas e às mortes, têm papel fundamental nessa educação.



Festa de Nossa Senhora do Rosário -
Johannes Moritz Rugendas

A imagem de Johannes Moritz Rugendas nos apresenta a celebração em honra de Nossa Senhora do Rosário. Pode-se observar nela a presença dos membros da irmandade, localizados ao centro da figura. O cortejo é acompanhado por instrumentos e estandartes, sendo observado por membros da sociedade local. A festa reveste-se de um significado que expressa o rompimento do monótono do cotidiano, uma “explosão social” num gesto de oferta “em honra de”. É uma expressão social de valores religiosos, simbólicos, morais e religiosos; nela os participantes têm acesso a normas e conhecimentos da vida coletiva e estas passam a fazer parte de suas vidas. Sua função é a de reafirmação da solidariedade e a de união dos diversos segmentos sociais existentes, além de auxiliar a população a suportar o cotidiano. Com esse movimento perpetua-se a cultura e a tradição da localidade.



Missa na Igreja de Nossa Senhora da Candelária (em Pernambuco)- Johannes Moritz Rugendas

Uma cerimônia considerada eficaz na religiosidade popular, tanto para os vivos quanto para os defuntos, era a missa rezada. É parte integrante fundamental da devoção católica, sendo um local extremamente apropriado para o aprendizado moral e religioso. A imagem em questão apresenta a realização de uma missa com um público formado por pessoas de diferentes classes étnicas. É possível observar personagens negras e brancas com vestes que parecem ser adequadas a ocasião, onde a maioria está em pé ao fundo, e mais próximos do altar estão jovens negros e brancos ajoelhados observando a figura de um padre em pé com uma criança negra em cada lado do seu corpo, uma segurando um bastão com uma luz na ponta, aparentemente um lampião ou uma espécie de tocha, e a outra segurando o livro de celebrações para o padre. Todos observam atentamente ao evento e no canto inferior direito vê-se um homem branco projetando sua mão em direção a uma mulher negra ajoelhada, possivelmente chamando

sua atenção. A presença dos jovens à frente apresenta uma forma de inseri-los mais na religião católica, ensinando-os a devoção. As duas crianças que fazem o papel de coroinhas também estão inseridos nesse processo de aprendizagem, podendo ser ainda mais amplo em seu caso, pois alguns padres criavam algumas crianças como padrinhos ou mestres, preparando-os, em alguns casos, para a vida religiosa. Durante essas cerimônias, os sermões tinham importante valor educativo, pelo seu caráter pedagógico^{vii}.

A análise das imagens nos permite apontar práticas de caráter educativo não-escolar na América Portuguesa, e mais especificamente em Minas Gerais, onde as irmandades tiveram um caráter tão relevante e uma presença tão significativa que se estende até os dias de hoje. A pesquisa toma a iconografia como ponto de partida para o exercício da análise com conceitos ainda pouco utilizados na História da Educação, mais precisamente o de mediador cultural e o de práticas educativas. Compreendemos a produção das imagens pelos viajantes europeus como construções motivadas e condicionadas por suas próprias referências culturais e, portanto, apropriações de representações específicas da sociedade brasileira do final do século XVIII e início do século XIX. A constatação da circulação das práticas educativas de caráter moral e religioso por meio da análise da iconografia é apenas um passo, a ser ampliado pela análise da documentação das próprias irmandades leigas, na qual ficavam estabelecidas suas funções, sua organização e registradas suas atividades cotidianas. Outros documentos, como os relativos aos festejos e à produção artística e artesanal a elas relacionados também nos ajudarão a conhecer mais profundamente o universo dessas práticas que, como indicamos anteriormente, acabavam por cumprir importante função educativa numa época em que a presença da instituição escolar foi escassa e inconstante, e nem sempre ocupava lugar de destaque no conjunto dos valores culturais da sociedade mineira setecentista.

ⁱ Chartier, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

ⁱⁱ Burke, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.

ⁱⁱⁱ Jean-Baptiste Debret visitou o Brasil no período compreendido entre 1816 e 1831; Johannes Moritz Rugendas chegou ao Brasil em 1825, junto com a expedição Langsdorff.

^{iv} Sobre Irmandades e as divisões étnico-sociais entre elas ver: SALLES (1963) e BOSCHI (1986).

^v Para maiores informações ver: SALLES (1963).

^{vi} Silva, Maria Beatriz Nizza da. Mulheres e Crianças educadas na Colônia. In: Stephanou, M & Bastos, M.H.C.(orgs.) *Histórias e memórias da Educação no Brasil. Vol 1 – séculos XVI-XVIII*. Petrópolis: Vozes, 2004. Ver também : Fernandes, Rogério. *Os caminhos do ABC: sociedade portuguesa e ensino das primeiras letras*. Lisboa: Porto, 1994 e Adão, Áurea. *Estado Absoluto e ensino das primeiras letras – As escolas régias (1772-1794)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.